



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13412 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

EDUCAÇÃO POPULAR E DECOLONIALIDADE: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Pedro Rodolpho Jungers Abib - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

### **EDUCAÇÃO POPULAR E DECOLONIALIDADE: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

#### **Resumo:**

No caminho do pensamento e da ação decolonial, buscamos aqui apresentar uma experiência de educação popular desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Griô: Culturas Populares, Ancestralidade e Educação da UFBA junto à Comunidade do Alto das Pombas na cidade de Salvador. Esse projeto envolve parcerias com as associações locais e obtém apoio através de recursos advindos de editais públicos lançados pela Pró Reitoria de Extensão da UFBA

**Palavras chave:** Educação popular, decolonialidade, identidade, memória

#### **1. Introdução**

Esse texto busca fazer um relato sobre ações e experiências desenvolvidas pelo Projeto Griô: Memória, Cultura e Educação na Comunidade do Alto das Pombas, realizadas na comunidade localizada na cidade de Salvador (BA). Esse projeto que inicia suas ações no ano de 2011, é fruto de uma construção coletiva envolvendo o Grupo de Pesquisa Griô: Culturas Populares, Ancestralidade e Educação, ligado à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e entidades oriundas da própria comunidade como o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, constituindo-se de ações voltadas para crianças, jovens e adultos, com foco na reapropriação da memória da comunidade, na perspectiva de contribuir para a construção da identidade, da autonomia desses sujeitos e empoderamento da comunidade através do protagonismo social dos envolvidos.

Essa iniciativa educacional tem como base teórica a Educação Popular e os Estudos

Decoloniais destacando as abordagens relacionadas aos temas: etnia, diversidade cultural, racismo, gênero, violência, empoderamento comunitário política e sociedade, entre outros. Busca-se desenvolver ações voltadas para crianças, jovens e adultos, com foco na reapropriação da memória da comunidade, na perspectiva de contribuir para a construção da identidade cultural, da autonomia e do protagonismo social desses sujeitos.

## 2. Aproximações com a comunidade

Tomamos por base o universo das culturas populares, enquanto um campo extremamente rico e diversificado, em que a oralidade e a ritualidade abrigam saberes dos mais significativos, nos remetemos a toda uma ancestralidade onde residem aspectos importantíssimos relacionados à “história não contada” dos derrotados, aos processos identitários das camadas subalternas da nossa sociedade, ao ethos do povo oprimido, enfim, à cultura dos excluídos do nosso país, como afirma Abib (2015). A conceituação de “culturas populares” que utilizamos aqui, portanto, tem como base a rica, profunda e sofrida experiência desses povos.

A comunidade do Alto das Pombas se localiza na região central da cidade de Salvador, nos arredores do Campus da UFBA, possuindo um histórico de organização e resistência, que remonta ao período da ditadura militar no Brasil. Nesse período, boa parte das ações de organização, mobilização e resistência dos moradores da comunidade dava-se a partir do GRUMAP - Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, criado no final da década de 1970, e desde então vem assumindo sua missão de lutar por justiça social, contra a discriminação racial e a violência contra a mulher, mantendo sua legitimidade, autonomia e protagonismo diante da comunidade e instituições, entidades, ONGs e movimentos sociais.

A virada epistemológica das últimas décadas fomentou a consciência sobre a diversidade das formas de educar, sobre o conceito de educação, que se apresenta muito maior que a educação que se dá na escola. Carlos Rodrigues Brandão ilustra isto do seguinte modo: “Não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (2007, p.9).

O pensamento decolonial, por sua vez, tem exercido um impacto importante no debate sobre educação no Brasil nos últimos anos, sobretudo porque, conforme Oliveira e Candal (2010), coloca no centro da discussão a questão sobre a necessidade da construção de um projeto de emancipação epistêmica, que é nada mais do que a coexistência de diferentes epistêmes ou formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia, quanto nos movimentos sociais, colocando em evidência a questão da geopolítica do conhecimento. Entende-se geopolítica do conhecimento como a estratégia da modernidade europeia que afirmou suas teorias, seus conhecimentos e seus paradigmas como verdades universais e invisibilizou e silenciou os sujeitos que produzem conhecimentos “outros”.

Carlos Rodrigues Brandão (2007, p. 10) nos diz que “a educação do colonizador não serve

para ser a educação do colonizado. Não serve e existe contra uma educação que ele, não obstante dominado, também possui como um dos seus recursos, em seu mundo, dentro de sua cultura”. Portanto, repensar a educação escolar, à luz dos modos de educar que tradicionalmente os povos dominados utilizaram, é fundamental para o rompimento com as características colonialistas que ainda pairam sobre ela.

O grande educador Paulo Freire, que lança as bases de uma educação popular no Brasil no início da década de 1960, sempre exerceu profunda crítica às formas de dominação exercida pelos colonizadores que se estendeu também ao período pós colonial e, na sua obra, buscou de forma aguda estabelecer critérios do que chamou de “ação cultural” como alicerce da construção de uma educação popular libertadora no nosso país. Diz ele:

Na medida em que a introjeção dos valores dos dominadores não é um fenômeno individual mas social e cultural, sua extrojeção, demandando a transformação revolucionária das bases materiais da sociedade, que fazem possível tal fenômeno, implica também numa certa forma de ação cultural. Ação cultural através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante. Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles. A ação cultural e a revolução cultural, em diferentes momentos do processo de libertação, que é permanente, facilitam esta extrojeção. (Freire, 1982, p. 54).

Por essa razão, penso que o mais importante disso tudo, é reconhecer pelo viés da educação popular, que é possível identificar aqueles sujeitos e grupos populares que se valem do seu fazer cultural, dos seus processos criativos próprios, dos seus saberes tradicionais para marcar uma posição e fazer um contraponto diante da avassaladora investida de uma onda conservadora a que estamos submetidos no atual momento político que vêm ganhando espaços estratégicos nas sociedades atuais, destruindo direitos, diluindo as diferenças, disseminando a intolerância, estimulando o consumo e os valores do capital e sufocando ou domesticando a potência transgressora que vem do “popular”.

Entendemos que uma educação que se queira popular, não pode abrir mão de um estreitamento profundo com as experiências provenientes das culturas populares e de seus sujeitos ancorados em sua ancestralidade, suas memórias, suas tradições e seus modos de vida que produzem saberes e fazeres que dão sentido a esse universo

Partindo dos pressupostos de uma educação popular de base decolonial inspirada nos saberes e fazeres provenientes das culturas populares, essa parceria entre a Universidade e a Comunidade do Alto das Pombas se inicia então a partir de ações que buscam contribuir na formação crítica desses sujeitos, a partir da reapropriação dessas memórias da comunidade, enfatizando o compromisso e a responsabilidade social por parte desses jovens, buscando o fortalecimento do sentido de pertencimento e de identidade social desses sujeitos e o seu consequente empoderamento advindo desse processo.

A partir da política de editais de financiamento de projetos criada pela Pró Reitoria de Extensão da UFBA, iniciamos essa parceria através de uma articulação entre o Grupo Griô da UFBA e as entidades locais com o objetivo de construir coletivamente uma proposta a ser

apresentada ao edital. Esse processo se deu a partir de reuniões realizadas nas sedes dessas entidades e também nas dependências da universidade, com o intuito de se pensar um projeto que contemplasse as propostas e necessidades educativas que pudessem atender a jovens e crianças da comunidade, em sua maioria em situação de vulnerabilidade social.

Essa parceria estabelecida entre o Grupo Griô da UFBA e o Grumap, aconteceu de forma qualificada, pois as sucessivas reuniões de planejamento e o processo de escrita do projeto, feita de forma conjunta, contribuíram para a quebra da crença que prevalecia na comunidade até então, de que a universidade somente se aproxima das comunidades a partir de uma relação vertical e não horizontal, para apropriar-se de experiências e conhecimentos advindos desses espaços, sem dar nenhum tipo de retorno.

Os encontros realizados entre as entidades comunitárias e o grupo de pesquisa tinham como finalidade definir a concepção do projeto e qual seriam o papel de cada entidade no seu desenvolvimento. Finalizado o projeto, o mesmo foi submetido ao edital da Pró Reitoria de Extensão da UFBA tendo sido aprovado, o que permitiu que pudéssemos contar com recursos da Pró Reitoria de Extensão para a execução das atividades previstas no projeto. Relataremos a partir de agora essas ações desenvolvidas na comunidade que iniciam-se no ano de 2016, em continuidade até o presente momento.

### **3. Atividades de Educação Popular construídas em conjunto com a comunidade**

A metodologia desse projeto está fundamentada na concepção da multirreferencialidade, levando em consideração as diversas “necessidades, os pontos de vista, as leituras do real que convivem nos diversos espaços de aprendizagem” (Fagundes; Fróes Burnham, 2001, p.39).

Assim, procura-se desenvolver uma metodologia de ação-formação no campo educacional (Macedo, 2009, p.115-116), criando diversos espaços de (com)vivência entre a comunidade acadêmica formada pelos professores e estudantes da UFBA que atuam no projeto, e os agentes locais, crianças e jovens moradores da comunidade em que os seus diversos saberes e linguagens possam ser compartilhados. Estes espaços – abertos à interação entre os participantes para proporcionar uma aprendizagem compartilhada e multirreferencial – se configuram na realização de diversas atividades de intercâmbio entre saberes e práticas

Desde o início do projeto até o presente momento têm sido realizadas diversas ações envolvendo os estudantes e professores da UFBA, educadores locais, integrantes dos movimentos sociais do bairro, jovens e crianças da comunidade, que passaremos a descrever algumas das mais significativas:

**Oficinas culturais:** encontros semanais, nos espaços da comunidade como a sede do Grupo de Mulheres e as escolas públicas do bairro. Dentre as várias oficinas destacamos as seguintes: percussão, dança, capoeira, teatro, artes visuais, roda de literatura e cidadania

**Os Círculos Griô:** Encontros entre os jovens e crianças do projeto com os mais velhos: anciãos e anciãs, os “griôs” da comunidade, onde são contadas histórias, relembradas memórias do bairro

**Cineclube Griô:** Projeção de filmes nacionais e estrangeiros uma vez por mês em espaços públicos da comunidade com debates após as exibições

**Sarau do Pombal:** Evento mensal que acontece na praça principal da comunidade, reunindo poesia, literatura, música, dança, teatro, palhaçaria, capoeira, cinema etc... com ampla participação de crianças, jovens e adultos da comunidade

**Cortejo Cultural:** Acontece sempre no mês de dezembro de cada ano, fechando o ciclo de atividades do projeto na comunidade, no qual participam as crianças e jovens do projeto mostrando as produções das oficinas culturais e dos saraus, além da participação de outros grupos culturais da comunidade e adjacências

#### 4. Considerações finais

A experiência envolvendo esse projeto de extensão aproximando universidade e comunidade a partir da Educação Popular tendo como suporte teórico o Pensamento Decolonial, fala muito sobre a vocação da universidade - sobretudo a universidade pública - que é estar em sintonia com os anseios e necessidades da comunidade. Essa dimensão precisa ser mais valorizada no âmbito acadêmico, pois permite que ações de ensino, pesquisa e extensão se articulem num processo dinâmico e produtivo, integrando de forma orgânica estudantes e professores da universidade com crianças, jovens e adultos da comunidade, num processo de construção coletiva de ações que visam o empoderamento dessa própria comunidade, o fortalecimento do sentido de pertencimento, a construção da identidade, a formação de novas lideranças.

Acreditamos que os princípios da Educação Popular quando conjugados com o Pensamento Decolonial num processo de construção coletiva envolvendo a parceria entre a universidade e a comunidade, se tornam uma estratégia poderosa de enfrentamento ao processo de subalternização a que foi e continua sendo submetida uma grande parcela da população brasileira, alijada de seus direitos fundamentais, vítima de uma extrema violência física e simbólica iniciada com o processo de colonização e ainda presente nos dias atuais, mas que continua, apesar de tudo, sendo capaz de resistir e sonhar. Essa é a nossa maior inspiração.

#### 5. Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura Popular e Contemporaneidade. Revista Patrimônio e Memória, vol 11, n 2 – UNESP – São Paulo, 2015

\_\_\_\_\_. Culturas Populares, Educação e Descolonização. Revista Educação em Questão, volume 57, n 54, Natal, 2019

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CANDAU, Vera M.F. e OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. Educação em Revista vol.26 n 1. Belo Horizonte, 2010.

FAGUNDES, Norma Carapiá; FRÓES BURNHAM, Teresinha. Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem entre os profissionais de saúde. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.16, p.105-114, 2001

FREIRE, Paulo et al. **Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa** : educação e ciências humanas, Salvador: EDUFBA, 2009.

WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial**. Reflexiones Latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005.